

O emprego ideal e as partes chatas

Por Fernando Barrichelo

Prezado Fernando,

Eu escuto muitos conselhos como "busque seu sonho" e "persiga seu propósito", mas fico desconfiado de que se trata de algo inatingível. Trabalho em uma área estratégica de uma empresa moderna e possuo desafios relevantes. Entretanto, por muitas vezes, eu me sinto um peixe fora d'água, com tarefas muito chatas. Está faltando algo, não me sinto totalmente satisfeito. Não sei se peço demissão. Meus amigos reclamam a mesma coisa sobre outras empresas. O que você tem a dizer?

– A.G.P.

Prezado A.G.P.,

Todo mundo quer o emprego dos sonhos, mas poucos encontram. Um dos autores mais lúcidos que já li sobre a idealização do trabalho e respectivas frustrações é Roman Krznaric¹.

Segundo ele, o desejo de encontrar realização no trabalho – uma atividade que proporcione um verdadeiro senso de propósito e reflita nossos valores, paixões e personalidade – é uma invenção moderna. O termo *fulfillment* (realização, satisfação) não aparecia até 1755 no dicionário americano. Até a algum tempo atrás, a maior parte da população estava ocupada lutando para atender as necessidades de subsistência e por empregos para se aposentar. Já hoje, na era da realização, o grande sonho é trocar dinheiro por um sentido de vida.

Entretanto, estamos longe desta realização. Krznaric mostra que, em pesquisas recentes na Europa, 60% dos trabalhadores escolheriam uma carreira diferente se tivessem a opção de começar tudo de novo. Nos Estados Unidos, 55% estão insatisfeitos, o pior nível desde que essas estatísticas começaram a ser publicadas duas décadas atrás. Você não está sozinho.



¹ KRZNARIC, R. Como encontrar o trabalho da sua vida. Editora Objetiva. 2012.

Os quatro elementos de um trabalho significativo: ganhar dinheiro, alcançar status, fazer a diferença e seguir nossas paixões e talentos.

Mas será que é realmente possível encontrar um trabalho em que possamos prosperar e nos sentir realmente vivos? Será que se trata de um ideal utópico reservado para poucos?

Para resolver essa questão, são fornecidos os conselhos "encontre algo que te faça feliz" e "encontre seu propósito". É preciso ter um "sentido" para o trabalho, mas a grande confusão decorre do fato de que propósito e sentido são vagos e subjetivos.

Para deixar o tema um pouco mais palpável, Krznaric aponta os quatro elementos de um trabalho significativo: ganhar dinheiro, alcançar status, fazer a diferença e seguir nossas paixões e talentos. Esta conceitualização é importante para você analisar quais são seus principais valores e nortear a sua busca.

Os quatro elementos do trabalho significativo

O dinheiro e status são chamados de fatores motivadores *extrínsecos*, uma vez que tratam o trabalho como meio para um fim, enquanto os demais dois fatores são *intrínsecos*, com o trabalho valorizado como um fim em si mesmo. A questão é: qual dessas motivações deve ser a principal orientação em nossas escolhas? Há grandes benefícios em cada um deles, mas há também grandes armadilhas. Vamos abordar um a um.

1

Ganhar dinheiro. Conheço pessoas que acham essa motivação supérflua e falsa, afi-

nal, dinheiro não compra felicidade. Entretanto, é um motivo razoável e justo. Todos desejam uma boa remuneração e uma vida confortável. Aliás, essas mesmas pessoas relutam em pedir demissão porque não podem se imaginar tendo uma redução salarial.

O problema desta motivação é que partir do momento em que nossa renda é suficiente para cobrir nossas necessidades básicas, novos aumentos pouco acrescentam ao nosso nível de satisfação. Começa um ciclo vicioso: a medida que acumulamos posses, nossas expectativas aumentam e trabalhamos para comprar mais bens e aumentar nosso bem-estar. Passamos de um televisor bom para um melhor ainda, de um carro para dois, e assim em diante, e nada disso aumenta nossa sensação de uma vida plena e significativa. Pior, acaba aumentando os níveis de ansiedade e depressão, uma vez que queremos sempre mais.

Entretanto, pouquíssimas pessoas tem condições de ignorar completamente o fator dinheiro ao tomar uma decisão profissional: todos nós temos contas a pagar e família a sustentar. Dizer "dinheiro não importa" soa até infantil. A verdadeira questão é o peso que devemos atribuir a ele.

2

Alcançar status. Esta é outra recompensa extrínseca e se revela em duas formas. A primeira delas é o status de um trabalho de prestígio que seja admirado por muita gente, como um diplomata, artista famoso, executivo de renome, etc. A segunda forma é ba-

Há pessoas muito infelizes com o trabalho apesar de terem trajetórias e status aparentemente invejáveis.

seada em nossa posição relativa aos outros. Se todos os seus colegas estão alcançando sucesso, tornando-se diretores, e você continua em posições de menor responsabilidade, talvez se sinta um fracassado.

O status pode ser uma forma importante de melhorar sua autoestima. O problema é que podemos facilmente ser levados a buscar uma carreira que a sociedade considera prestigiada, mas na qual não atenda nossa necessidade de realização. Há pessoas muito infelizes com o trabalho apesar de terem trajetórias e status aparentemente invejáveis. Ainda, existe um outro problema: assim que alcançamos um nível de status, logo outro aparece acima dele, em um ciclo sem fim. De novo, status é um legítimo elemento gratificante, todos gostam de reconhecimento e prestígio, mas o ponto também é o peso que devemos atribuir a ele.

3

Fazer a diferença. Ao longo da carreira, quando as pessoas se frustram pelo tempo que passam lidando com emails entediante e atividades desinteressantes, surge esta motivação através da frase "quero fazer a diferença". Queremos algo mais: uma contribuição positiva para as pessoas e o planeta.

Essa é uma aspiração cada vez mais comum. Desejamos olhar para trás e sentir que deixamos nossa marca. A maioria das pessoas concorda intuitivamente que fazer a diferença é um caminho promissor para uma carreira realizadora.

A questão é como fazê-lo. Muitas vezes, associamos "fazer a diferença" com instituições

de caridade ou no serviço público; por exemplo, trabalhar em um abrigo para sem-tetos, como professora para crianças deficientes, ou numa causa a favor dos direitos dos animais.

No entanto, qualquer que seja o caminho escolhido, existem dois desafios a enfrentar. O primeiro diz respeito ao impacto de suas ações. Uma das maiores frustrações das pessoas é a dificuldade de visualizar, concretamente, qual a diferença que o trabalho delas realmente está fazendo. Você realmente está conseguindo erradicar a pobreza do mundo? O segundo desafio são as tensões que podem surgir entre fazer a diferença e ganhar dinheiro. Fazer a diferença é gratificante, mas obviamente você quer ser bem remunerado por isso. Assim, é importante ter a consciência dos pesos e prioridades entre todas as dimensões para uma decisão balanceada.

4

Seguir nossas paixões e talentos. Este é o outro fator intrinsecamente gratificante para a felicidade. Quem advoga por essa opção, diz: esqueça dinheiro, status e até mesmo fazer a diferença — faça o que gosta e aquilo que você é realmente bom. Você deve reunir sua grande paixão com o trabalho.

No entanto, seguir essa única estratégia é uma escolha controversa. Embora algumas pessoas afirmem que transformar hobbies em trabalho é o segredo para a realização, outras alegam que foi um terrível engano. Você pode gostar de construir miniaturas de carros e trens, mas abrir uma empresa para vendê-los online, com todas as dificuldades

A grande mensagem até aqui é reconhecer que o emprego ideal depende de vários fatores que, invariavelmente, entram em conflito entre si.

envolvidas, pode drenar toda a sua alegria e deixá-lo com saudade da época que era apenas um hobby e não tinha números de vendas a se preocupar. O microempresário que adora cozinhar abriu um restaurante para ser feliz, mas pode sentir falta do status do amigo gerente de uma multinacional que faz viagens caras ao redor do mundo.

Enfim, é preciso entender que não há emprego completo. Quando você aposta todas as fichas no salário, pode encontrar lacunas na aderência aos seus propósitos e paixões. Quando você foca numa atividade humanitária que faça a diferença para as pessoas, talvez sinta falta do status social e participar de eventos bacanas com seus colegas. Ou seja, há conflito em todas as combinações dos elementos do trabalho significativo.

O seu propósito é apenas seu

A grande mensagem até aqui é reconhecer que o emprego ideal depende de vários fatores que, invariavelmente, entram em conflito entre si. É como se não coubesse todas as vantagens em um único trabalho. Por isso, é preciso muito autoconhecimento para você saber quais elementos mais valoriza e quais desvantagens você consegue tolerar.

Como estas preferências são muito individuais, sugiro não sucumbir aos propósitos da moda e não se apropriar dos propósitos dos outros. Vejo algumas pessoas e publicações

com uma postura doutrinadora, querendo decretar quais são os propósitos corretos na vida. Isso é um pouco perigoso e, dependendo do caso, chega a ser um fanatismo. Não há nada de errado em escolher quaisquer um dos quatro elementos gratificantes, inclusive definir outros. Não há nada de errado com nenhuma profissão e empresa. Como cada pessoa possui diferentes personalidades, eu costumo contar a seguinte estória.

Conheça o Mário. Ele é formado em Administração e trabalhava no RH de uma empresa reconhecida no mercado pelas boas práticas na gestão de pessoas. Mas Mario não estava plenamente satisfeito. Faltava um propósito maior. Largou tudo, foi estudar computação pois queria fazer diferença no mundo. Conseguiu um emprego numa empresa que investia bastante em inteligência artificial aos consumidores. Mario achou **seu propósito**: ajudar as pessoas a terem uma melhor experiência nas compras e aproveitarem melhor o tempo.

Conheça o Marcelo. Ele é engenheiro e trabalhava na área de tecnologia em uma empresa reconhecida no mercado pelos investimentos em inteligência artificial aos consumidores. Mas Marcelo não estava plenamente satisfeito. Faltava um propósito maior. Largou tudo, foi estudar gestão de RH pois queria fazer diferença no mundo. Conseguiu um emprego em uma empresa que investia bastante na gestão de pessoas. Marcelo achou **seu propósito**: ajudar as pessoas a se desenvolverem como gestores e indivíduos.

Existem pessoas com dois tipos de comportamentos nocivos, o indeciso e o super seletivo, pois ambos geram a mesma consequência: a paralisia.

Perceba que não há qualquer julgamento de valor sobre desejos de Mario e Marcelo, tampouco nas decisões de fazer uma mudança de carreira. O importante é aumentar o autoconhecimento e escolher com consciência.

E quem não sabe o seu propósito?

Fico feliz quando encontro pessoas que sabem o que querem e fizeram uma autoavaliação sobre seus valores e competências. Elas sabem como lidar com as opções disponíveis no mercado e, inclusive, administrar as vantagens e desvantagens que os quatro elementos propiciam.

Mas existem outras pessoas com dois tipos de comportamentos nocivos, o *indeciso* e o *super seletivo*, pois ambos geram a mesma consequência: a paralisia. Vou dar dois exemplos. **Pedro** não sabe o que quer, está indeciso sobre sua vocação. Embora todos podem ter dúvidas, Pedro não faz nada a respeito, apenas reclama de desconfortos, não qualifica o que está ruim, não busca autoconhecimento e também não se arrisca (como fez Mario e Marcelo). **Paulo** sabe o que quer; até demais. Ele tem tanta certeza de que gosta de uma determinada carreira e atividade que virou super seletivo. Ele não encontra o emprego dos sonhos porque sempre acha algum defeito nas ofertas. Enquanto isso, ele acha que a vida é injusta e não se enquadra em nada.

Assim, uma palavra para os indecisos (que não sabem o que desejar) e os super seletivos (que não acham o trabalho perfeito): é possível encontrar um emprego ideal se você refletir bastante. O ponto de partida é compreender a fonte das suas confusões e anseios quanto a deixar seu emprego e buscar uma nova opção (seja nova carreira ou simplesmente nova empresa). Caso contrário, é provável que também se sinta frustrado no próximo emprego.

Aqui há duas opções. A primeira é parar de pensar demais e, como Krznaric diz, deixar de lado o paradigma de “primeiro planejar, depois agir” e começar já. Claro que é preciso refletir, mas você precisa se arriscar. Passamos tanto tempo concebendo a carreira perfeita, pesquisando incessantemente e nos perdendo em meio a pensamentos que acabamos não fazendo nada, aprisionados na armadilha paradoxal das escolhas. Você só vai saber se gosta de algumas coisas ao experimentar.

A segunda opção trata-se simplesmente de conversar com pessoas que passaram por diferentes experiências de vida e que já trabalharam no tipo de trabalho que você imagina fazer. Nem todo mundo faz isso. É uma pena, pois um dos maiores obstáculos à mudança é ficarmos aprisionados à rigidez do nosso círculo social e de colegas de trabalho. Se você é advogado e passa a maior parte do tempo com outros advogados, é provável que isso condicione seus ideais e aspirações.

As pessoas escolhem um emprego com base no PORQUÊ. Mas, com o passar do tempo, elas percebem que O QUE fazem não é aquilo que realmente gostam.

Propósito apenas não basta

Apesar de não ser tão fácil achar o emprego ideal, nossa insistência humana pela perfeição é enorme. Em uma simplificação um pouco ingênua, muitas revistas, livros e palestras evangelizam a busca do "propósito" como elemento único da felicidade no trabalho.

É importante ter cuidado com essa armadilha pois apenas o propósito não é suficiente para a plena realização. O escritor Marcus Buckingham² sugere que você *entenda a realidade* antes de buscar o mundo idealizado ao explicar diferença entre o PORQUÊ e O QUE:

Geralmente as pessoas escolhem um emprego com base no **porquê**. Ex: "Vou me unir aos Médicos Sem Fronteiras porque quero ajudar os desfavorecidos". Mas, com o passar do tempo, elas percebem que **o que** fazem não é aquilo que realmente gostam. As "tarefas" não agradam. Ou seja, as pessoas escolhem seus empregos pensando no *porquê*, mas pedem demissão por estarem insatisfeitas com *o que*.

Por exemplo, **Sofia** fez o curso de comissária de bordo PORQUE gosta de viajar e do glamour. Tempos depois ela pede demissão ao se sentir esgotada por não gostar DO QUE

faz — servir e agradar passageiros mal-humorados. Ou seja, como é uma atividade semelhante a uma "garçonete num restaurante que voa", é preciso ter vocação de atendimento ao cliente e algumas tarefas repetidas.

Maurício sempre desejou ser corretor de valor. Pelo círculo social dele, ele entendeu ser uma carreira bem conceituada e remunerada. Ficou feliz ao ser selecionado como parceiro independente de uma corretora de renome PORQUE gostava de ajudar as pessoas a investir. Mas daí ele descobriu O QUE um corretor de valor é pago para fazer: ligar para 200 desconhecidos por semana e pedir que eles disponibilizem uma quantia para ele administrar. Desses duzentos, 199 dizem não. Não é o que ele pensou fazer pelo o resto da vida.

Renata era uma professora de literatura que não hesitou em aceitar uma oportunidade de assumir um comitê e desenvolver uma nova grade curricular PORQUE envolvia uma função intelectual e melhor remunerada. Tempos depois, ela estava infeliz ao mergulhar em uma atividade muito isolada e burocrática. O QUE ela gostava de fazer mesmo era encontrar os alunos todas as manhãs, perguntar o que eles leram no final de semana e discutir em sala de aula.

Talvez você tenha se identificado. Você gosta do propósito do seu emprego, mas não gosta de preencher planilhas de Excel, reuniões intermináveis, apresentações de última hora, negociação de fundos para projetos e decisões contraditórias. Pode ser que algumas atividades sejam bonitas no conceito, como "planejamento estratégico" e "data analytics", mas até

² BUCKINGHAM, M. Desenvolva sua verdadeira vocação. Ed. Sextante. 2013.

Existe uma linha tênue entre ser resiliente pela coisa certa e ser burramente persistente pela coisa errada.

nestes casos é preciso buscar o papel na impressora e fazer ata de reunião para o chefe.

Gostaria de oferecer duas mensagens para você digerir: uma animadora e uma desanimadora. A mensagem animadora é meu incentivo para você aumentar sua autoconsciência sobre o que gosta de fazer. Com isso, você conseguirá atribuir a devida importância dos quatro elementos e assim definir o que significa o emprego ideal. Com autoconhecimento, você terá mais condições de distinguir o PORQUÊ (propósito) e o QUE (tarefas) e não se arrepender das escolhas que contrastam com sua vocação ou personalidade.

A mensagem desanimadora é um choque de realidade. Nem você, nem eu e nem ninguém conseguiremos ter todos os aspectos gostosos em uma única atividade profissional. Uma coisa é ser fiel às suas preferências e perseguir a felicidade, mudando de rumo de forma coerente, como nos exemplos citados. Outra coisa é ser o eterno adolescente emburrado que se frustrou com a primeira tarefa chata e já quer desistir. Você precisa de paciência para administrar o O QUE. Todo emprego é um pouco incômodo. Todo emprego possui as partes chatas.

Existe uma linha tênue entre ser resiliente pela coisa certa e ser burramente persistente pela coisa errada. Você precisa ter sabedoria para administrar essa linha tênue. Na minha experiência, vale mudar de direção para casos mais abrangentes, como carreira e vocação, mas não vale desistir simplesmente porque é chato fazer uma tarefa menor ou repetitiva.

Quando eu tive minha própria empresa

Eu posso dar meu testemunho pessoal. Ao me formar na faculdade de engenharia elétrica na Poli-USP, e por ter participado todo meu tempo estudantil como executivo e consultor da Empresa Júnior, decidi ser um empreendedor. Meu sonho (meu propósito) era unir minhas paixões de engenharia e educação. Assim, abri minha "startup" de fabricação de kits educacionais para ensinar ciência e tecnologia para crianças. Munido de muitas ideias nos primeiros brinquedos, abri uma pequena fábrica e uma loja física, além de oferecer treinamento a professores e ateliês para crianças.

Eu adorava meus momentos de criação dos kits (hoje chamaria de desenvolvimento dos produtos) e a tradução dos conceitos complexos em simples para as crianças entenderem. Entretanto, existiam muitas outras tarefas menos empolgantes, como a venda porta-a-porta nas escolas, atender no balcão da loja, embulhar os pacotes, contar estoque para reposição, administrar as questões de recursos humanos dos funcionários, entre outros.

Você já percebeu. Não há um emprego dos sonhos com todos os bons aspectos. Hoje em dia, tenho uma carreira muito gratificante no mundo de "operações" em grandes empresas – é isso que gosto de fazer na vida. Entretanto, há dias que volto para casa com uma sensação terrível de frustração, devido discussões desnecessárias sobre projetos, ou o trabalho braçal respondendo emails e conferindo números de um relatório. É realmente preciso ter paciência e resiliência para lidar com as partes chatas.

Talvez você já tenha tido uma experiência em que as horas pareceram minutos e, de tão envolvido na tarefa, esqueceu de tudo.

O desafio de entrar em fluxo

O colunista do site *Big Think*, Matt Davis³, conta que Isaac Newton, ao escrever o *Principia Mathematica*, teria se esquecido de comer, tomar banho e dormir. Michelangelo costumava ficar tão absorto em suas pinturas que também se esquecia de comer ou dormir. Talvez você já tenha tido uma experiência em que as horas pareceram minutos e, de tão envolvido na tarefa, esqueceu de tudo. Se for esse o caso, você experimentou algo chamado estado de fluxo (flow state).

Davis cita os estudos do psicólogo Mihály Csíkszentmihályi⁴, que definiu **entrar em fluxo** como:

... estar tão envolvido em uma atividade que nada mais parece importar. O ego desaparece. O tempo voa. Cada ação, movimento e pensamento decorrem do anterior, como tocar jazz. Todo o seu ser está envolvido e você usa suas habilidades ao máximo.

Quando no estado de fluxo, um indivíduo experimenta intenso foco e concentração no momento presente. Suas ações e consciência se fundem. Existe uma sensação de controle pessoal sobre a tarefa em questão e executá-la

parece intrinsecamente gratificante. É uma experiência sublime pela qual muitas pessoas passam a vida buscando e é a manifestação prática da frase "encontre um emprego que ame e nunca trabalhará um dia na sua vida".

Seria uma maravilha ter um emprego que nos propicie isso, correto? Entretanto, Csíkszentmihályi estudou que o fluxo só acontece com nível certo de habilidade e nível certo de desafio, com três componentes necessários. Primeiro, a tarefa precisa ter um objetivo claro com passos bem definidos. Segundo, a tarefa deve fornecer um feedback imediato, o que permite saber o progresso. Por último, deve haver um bom equilíbrio entre o desafio da tarefa e as próprias habilidades do indivíduo.

Ou seja, o critério mais importante na busca do fluxo é **escolher a tarefa certa**. Muitas coisas que buscamos em nosso tempo de lazer - como assistir TV - não nos fornecem acesso ao estado de fluxo. É preciso uma combinação certa de desafio e habilidade para entrar no estado de fluxo. Pouca habilidade e muito desafio produzirão ansiedade, enquanto pouco desafio e muita habilidade serão apenas relaxantes.

Vou dar um testemunho pessoal. Eu gostei muito do meu emprego e sempre gostei dos anteriores, numa trajetória em Operações em diferentes segmentos de empresas. Ao ter consciência sobre os quatro elementos de um trabalho gratificante e entender a dinâmica do porque/o que, sempre fui capaz de administrar as inevitáveis tensões entre eles e, principalmente, lidar com

³ DAVIS, M. How to enter the 'flow state' for effortless creativity. Big think website.

⁴ CSÍKSZENTMIHÁLYI, M. Flow: A psicologia do alto desempenho e da felicidade. Editora Objetiva. 2020

Você precisa diferenciar o caos ("está tudo ruim, vou desistir") do administrável ("faz parte da vida, serei resiliente")

as frustrações das tarefas chatas, que obviamente foram muitas.

Também aprendi quais são as tarefas em que eu "entro em fluxo", que são basicamente duas distintas, mas parecidas. A primeira ocorre quando preciso criar uma apresentação executiva em que as informações estão muito dispersas, necessitando conversar com muita gente. No começo parece desesperador, com dados desestruturados e um prazo muito curto. Entretanto, quando consigo coletá-los e tenho poucas horas para agregá-los, eu basicamente entro em um enorme estado de concentração para traduzir o complexo em slides simples e comunicáveis. A segunda tarefa tem relação a escrever textos como estes, em que as informações e ideias voam na minha cabeça de forma rebelde, mas preciso dar um significado a todas elas. Nestes casos, chego ao ponto de acordar às 5h da manhã ou ficar tarde da noite (período em que as crianças dormem) para, num total e completo silêncio daquele período, fazer um trabalho que se assemelha a um artesão perfeccionista, esculpindo cada palavra.

Eu não sei pintar quadros, tampouco criar músicas, mas consigo imaginar o estado de fluxo destes profissionais ao verificar sua similaridade com a escrita de textos complexos ou criação de apresentações com informações desconstruídas às pressas. Como Csikszentmihályi diz, é preciso escolher a tarefa certa que conjugue um grande desafio com as próprias habilidades.

Como comentei, "propósito" (PORQUÊ) apenas não basta, você precisa gostar da tare-

fa (O QUE). No entanto, todo emprego possui atividades bem desagradáveis. Assim, você precisa diferenciar o caos ("está tudo ruim, vou desistir") do administrável ("faz parte da vida, serei resiliente"). A chave para ser feliz é muita reflexão e autoconhecimento.

Um resumo para você

Prezado A.G.P., espero ter fornecido alguns insights relevantes. Vou encerrar com um pequeno resumo. Você já deve ter percebido que não é fácil encontrar o emprego ideal; mais da metade da população mundial está insatisfeita. A primeira recomendação é refletir bastante sobre os quatro elementos de um trabalho gratificante (dinheiro, status, fazer diferença e seguir nossas paixões e talentos) e fazer uma autoavaliação sobre as suas reais motivações.

O problema é que muitas vezes esses elementos são conflitantes entre si. É muito difícil encontrar todas as qualidades em um emprego só, e você precisa conviver com alguns incômodos. Esta inevitável realidade exige que você se conheça ainda mais para poder fazer escolhas sensatas.

Existe um outro detalhe importante. Nesta busca pelo emprego dos sonhos, procuramos o "nosso propósito" respondendo a pergunta de PORQUE quero trabalhar em determinada função, geralmente com respostas nobres e fantasiosas. Entretanto, no dia a dia você precisa gostar DO QUE você faz, mas algumas tarefas não são necessariamente estimulantes.

Embora você sempre possa fazer mudanças, é importante verificar se sua insatisfação está mais voltada ao propósito em si (carreira) ou as condições de trabalho (tarefas entendiantes).

Assim, é preciso aproveitar os bons momentos e administrar as partes chatas. Embora você sempre possa fazer mudanças, é importante verificar se sua insatisfação está mais voltada ao propósito em si (carreira) ou as condições de trabalho (tarefas entendiantes). No primeiro caso, é legítimo você abandonar a carreira de executivo se quiser ser professor. No segundo caso, uma dose de resiliência é necessária. É muito provável que um outro emprego também possua as partes chatas. Uma possível saída é aproveitar ao máximo o lado bom para entrar no estado de fluxo e usar seus recarregadores psicológicos para se reenergizar, mas esse é um tema para uma próxima carta...

Ah, esse (sábio) gato...

Para encerrar esta carta sobre emprego ideal, propósito, tarefas gratificantes e resiliência para as partes chatas, vale lembrar de uma passagem do livro *Alice no País das Maravilhas*⁵ que simboliza a frase "saber onde você quer chegar". Se você não tiver essa consciência, ficará andando em círculos:

O Gato sorriu quando viu Alice. Parecia de boa índole, ela pensou, mas não deixava de ter garras muito longas e um número

respeitável de dentes, por isso ela sentiu que devia ser tratado com respeito.

– Gatinho de Cheshire, – começou um pouco tímida, pois não sabia se ele gostaria do nome, mas ele abriu mais o sorriso.

– Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para sair daqui?

– Isso depende bastante de onde você quer chegar.

– O lugar não me importa muito..., disse Alice.

– Então não importa que caminho você vai tomar, disse o Gato.

– Desde que eu chegue a algum lugar – acrescentou Alice em forma de explicação.

– Oh, você vai certamente chegar a algum lugar, – disse o Gato – se caminhar bastante.

obarrica



FERNANDO BARRICHELO

É autor do livro *Estratégias de Decisão* (www.estrategiasdedecisao.com). Formado em engenharia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, possui pós-graduação em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas e Master in Business Administration (MBA) pela Carnegie Mellon University, nos Estados Unidos. Atua como executivo de uma grande corretora multinacional de seguros, consultoria e serviços, com passagens por outras grandes companhias nos segmentos financeiro, meio de pagamentos e industrial.

<https://www.linkedin.com/in/fernandobarrichelo/>
www.obarrica.com

5 CARROLL, L. *Alice no País das Maravilhas* (1886). L&PM Pocket. 1998. Pag 84.